

IGREJA ALIANÇA DO CALVÁRIO

A ORIGEM DO MAL

1. A ORIGEM DO MAL (TEODICÉIA)

“Procurei o que era a maldade [o mal] e não encontrei uma substância, mas sim uma perversão da vontade desviada da substância suprema – de Vós, ò Deus – e tendendo para as coisas baixas: vontade que derrama as suas entranhas e se levanta com intumescência. (Agostinho, Aurélio. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 190).

1.1 INTRODUÇÃO

O tema do presente estudo, apesar de receber um nome pouco conhecido, traz à tona uma questão notória e que inquieta a todos: o problema do mal, de onde ele se originou e, principalmente, o que Deus tem a ver com ele.

Por que o mal existe? Qual a razão de Deus tolerá-lo? Tais perguntas fizeram parte da vida e dos pensamentos de todos os homens que creram e dos que crêem em um “Deus soberanamente bom e justo”. A própria Bíblia traz exemplos de homens de Deus que O questionaram sobre esse tema:

“Tu [Deus] és tão puro de olhos, que não podes ver o mal, e a opressão não podes contemplar. Por que olhas para os que procedem aleivosamente, e te calas quando o ímpio devora aquele que é mais justo do que ele?” (Habacuque 1.13)

“Mas Gideão lhe respondeu: Ai, Senhor meu, se o SENHOR é conosco, por que tudo isto [mal, adversidade] nos sobreveio? E que é feito de todas as suas maravilhas que nossos pais nos contaram, dizendo: Não nos fez o SENHOR subir do Egito? Porém agora o SENHOR nos desamparou, e nos deu nas mãos dos midianitas.” (Juízes 6.13)

1.2 A ABORDAGEM FILOSÓFICO-CIENTÍFICA

Teodicéia foi uma palavra criada nos meados do sec. XVI, pelo filósofo e jurista alemão Gottfried Wilhelm Leibniz.

Essa palavra deriva do grego *Théos* = Deus + *Diké* = Justiça, que por aglutinação formaram o vocábulo “teodicéia”, cujo significado literal é “Justiça de Deus”, ou como foi utilizado pelo filósofo alemão Leibniz: “estudo da justificação de Deus frente à existência do mal”.

Na obra desse filósofo, que aborda o assunto da existência do mal, chamada *Escritos de uma Teodicéia*, ele apresenta sua visão de Deus, muito parecida com a visão moral (que viria a ser formulada por Kant, um século depois), conforme abaixo:

“As perfeições de Deus são aquelas de nossas almas, mas, Ele as possui em ilimitada medida; Ele é um Oceano, do qual apenas gotas nos são concedidas; há, em nós, algum poder, algum conhecimento, alguma bondade, mas, em Deus estão em sua inteireza. Ordem, proporções, harmonia nos encantam; (...) Deus é todo ordem; Ele sempre mantém a

IGREJA ALIANÇA DO CALVÁRIO

A ORIGEM DO MAL

verdade das proporções, Ele torna a harmonia universal; toda beleza é uma efusão de Seus raios.”

Diante de tal posicionamento, nota-se claramente que Leibniz “não colocava o problema do mal em Deus”, mas apenas fazia referência que seria impossível determinar, de uma maneira completa e lógica como e por quê o mal existe, assim como é impossível à uma única estrela determinar a imensidão do universo do qual ela faz parte.

Ou seja, a estrela (exemplo) faz parte do universo, contudo não expressa a completude do universo, logo, a explicação do mal e sua relação com Deus é possível de ser efetuada satisfatoriamente, e é verdadeira, porém incompleta, da mesma forma que a estrela é apenas uma parte de um infinito universo, que no caso são os mistérios de Deus.

Continuando suas explicações sobre a teodicéia, Leibniz afirma:

“Ora, essa suprema sabedoria [de Deus], aliada a uma bondade que é infinita, não pode escolher exceto o melhor. Pois, tal como um mal menos é um tipo de bem, também um bem menos é um tipo de mal se é um obstáculo a um bem superior; e haveria algo a corrigir nas ações de Deus se fosse possível fazer melhor. Como nas matemáticas, quando não há máximo nem mínimo, em resumo, nada haveria a distinguir, tudo é feito de modo igual; ou quando aquilo não é possível, nada é feito: então, pode-se afirmar o mesmo com respeito à sabedoria divina (que não é menos ordenada que as matemáticas) que se não houvesse o melhor (*optimum*) entre todos os mundos possíveis, Deus não teria produzido.”

Em resumo, para Leibniz, Deus criou o mundo da forma como ele é, porque este é “o melhor dos mundos”. Entretanto essa é uma visão racionalista, isto é, que parte apenas dos pressupostos lógicos para a formulação do conceito de “melhor possível”, levando-se em conta que como Deus é o “melhor moral”, Ele criou o mundo tal como é por ser ele (o mundo) o melhor possível, ou seja, que Deus não poderia ter feito outro mundo melhor que não fosse esse (vinculação).

Contudo, a visão de Leibniz está invertida, como disse o Dr. W. Gary Crampton:

“Leibniz tem uma visão invertida. Deus não escolheu este mundo porque ele é o melhor; ao invés, ele é o melhor porque Deus o escolheu.”

Logo, apenas a visão filosófica e racional não é capaz de explicar e aquietar o homem acerca da questão da existência do mal, portanto é necessária uma teodicéia com bases bíblicas para responder plenamente sobre a existência do mal.

1.3 TEORIAS A RESPEITO DO MAL

IGREJA ALIANÇA DO CALVÁRIO

A ORIGEM DO MAL

Muitas teorias têm apontado que o mal no mundo é fruto da concorrência de dois deuses finitos (maniqueísmo), outros negam totalmente a existência do mal e ainda outros propõe a existência de um deus finito.

Entretanto, citando mais uma vez o Dr. W. Gary Crampton:

“Estas teorias, é claro, estão longe de ser uma teodicéia bíblica. A Bíblia deixa muito claro que o mal não é ilusório. O pecado é real; provocou a queda do homem e a maldição de Deus sobre todo o cosmos (Gn. 3). Também Deus não deve ser visto como menos que uma divindade onipotente e onisciente. Ele é o Criador *ex nihilo* do universo (Gn. 1:1 e Hb. 1.1-3). Mais ainda, o fato de Deus ser o Criador e Sustentador de todas as coisas vai de encontro a qualquer forma de dualismo. Deus não sofre nenhuma concorrência (Jó. 33.13).”

Explicação:

1. ex nihilo - *do latim, que significa do inexistente, do nada.*

Portanto, se não há possibilidade da existência de dois deuses (um bom e outro mal, que duelam em nível de igualdade), nem de Deus ser finito, e se o mal realmente existe, deve haver uma explicação para o mal existir, e de que Deus não é seu autor, nem com ele concorda.

1.4 A TEODICÉIA CRISTÃ

1.4.1 A VISÃO DO MAL COMO ELEMENTO DE CONSTRUÇÃO DO CARÁTER

Um dos Pais da Igreja, chamado Ireneu de Lion (130 – 202), ao tratar da existência do mal, apontou que este era necessário para o aperfeiçoamento de todos os homens. Assim, o mal seria algo que contribuiria para o crescimento, fortalecimento e amadurecimento do homem no mundo, sendo este um “vale onde as almas são forjadas”.

Essa idéia é bastante interessante, principalmente para aqueles cristãos que descobriram a graça e o amor de Deus em maior profundidade, justamente nos momentos de aflição ou de sofrimento pelos quais passaram.

Contudo, essa visão não concilia a existência do mal com a também existência de um Deus de amor, que é onipotente e poderia perfeitamente amadurecer o homem sem que este necessitasse ser submetido a um contato com o mal.

E ainda, conforme ensina o Dr. Alister E. McGrath “essa abordagem parece apenas encorajar uma aquiescência [aceitação] em relação à presença do mal no mundo, sem apresentar nenhum direcionamento ou estímulo moral para que o homem resista ao mal ou o supere”, o que é ensinado em Romanos 12.21.

IGREJA ALIANÇA DO CALVÁRIO

A ORIGEM DO MAL

1.4.2 O MAL ORIGINADO DA CRIATURA E NÃO DO CRIADOR

Outra abordagem sobre o assunto trouxe Aurélio Agostinho (354 – 430), que ele formulou através de suas lutas contra o sistema gnóstico e sua evolução: o maniqueísmo. Esse cristão fervoroso cria convictamente que tanto a criação, quanto a redenção eram obras do mesmo Deus, desta maneira, seria loucura pensar que o mal teria sido criado junto com as demais obras de Deus, pois isso colocaria em Deus a raiz do mal.

Conforme Agostinho o mundo fora criado por Deus em uma condição de perfeição absoluta, entretanto, o homem, por fazer mal uso de sua liberdade, condenou a si mesmo e ao mundo à corrupção pelo mal.

È o que ele diz em sua obra *Confissões*, nas seguintes passagens:

“Quem há mais inocente que Vós [Deus], pois são as próprias obras que prejudicam os pecadores? (...) mas que repouso seguro há fora do Senhor?”

“Assim que a alma peca, quando se aparta e busca fora de Vós o que não pode encontrar puro e transparente, a não ser regressando a Vós de novo.”

Contudo, para que o homem pudesse fazer mal uso de sua liberdade e escolher o mal, este “mal” deveria existir precipuamente [anteriormente] à humanidade. Agostinho apontou que o “mal anterior”, foi a tentação realizada por Satanás sobre Eva e Adão, logo, Deus não poderia ser considerado o responsável pelo mal.

De onde, então, veio Satanás, posto que é uma criatura de Deus, e se Deus cria todas as coisas boas, por indução não poderia ter criado um Diabo?

Agostinho aponta que Deus criou Satanás como um anjo perfeito e sem traço de maldade, mas esse anjo quis se tornar semelhante a Deus, e dele veio a rebelião na qual hoje se encontra o mundo.

A pergunta que viria em seguida seria: Como um anjo, criado bom e perfeito, poderia ter se tornado mal? Segundo o Dr. Alister E. McGrath “Agostinho parece ter se calado em relação a esse ponto”.

1.4.3 O MAL ORIGINADO PELO PECADO

João Calvino (1509 – 1564), o reformador europeu, em sua obra *Institutas* ou *Tratado da Religião Cristã*, também aborda a existência do mal, e o expõe de maneira clara, como sendo ele gerado totalmente pelo pecado, primeiro de Lúcifer, depois do homem.

Segundo Calvino, nenhuma ligação pode ser engendrada [realizada] entre a existência do mal na natureza, e Deus como criador dessa natureza, ser também o “criador do mal”, conforme expõe nas *Institutas*:

IGREJA ALIANÇA DO CALVÁRIO

A ORIGEM DO MAL

“Portanto, lembremo-nos de que nossa ruína deve ser imputada à depravação de nossa natureza, não à natureza em si, em sua condição original, para que não lancemos a acusação contra o próprio Deus, como sendo o autor dessa natureza.”

“Portanto, afirmamos que o homem está corrompido por depravação natural, contudo ela não se originou da própria natureza – *que foi criada perfeita por Deus*. Negamos que essa depravação tenha se originado da própria natureza como tal, para que deixemos claro que ela é antes uma qualidade adventícia que sobreveio ao homem, e não uma propriedade substancial que tenha sido congenita desde o princípio(..) Nem o fazemos sem um patrono, porque, pela mesma causa, o Apóstolo ensina que somos todos por natureza filhos da ira [Ef. 2.3].”

Explicação:

1. depravação natural – isto é, que veio de sua escolha pelo mal.
2. da própria natureza – que foi criada perfeita por Deus.
3. propriedade substancial – aquilo que constitui a base de algo, a origem.
4. congenita – gerado simultaneamente com a Criação.

Por não ser Deus o criador do mal, concluiu Calvino que:

“Como poderia Deus, a quem uma a uma comprazem suas mínimas obras, ser inimigo da mais nobre de todas as criaturas [o homem]? Deus, porém, é antes inimigo da corrupção de sua obra, e não da própria obra.”

Desta maneira, é ensinado que o problema do mal não reside em Deus, mas na corrupção que sofreu a natureza, sendo que esta corrupção foi efetuada, primeiramente por Satanás e, posteriormente, através da sedução de Satanás, pelo homem, que foi criado perfeito.

1.4.3.1 A ORIGEM DO MAL EM SATANÁS

Como havia pensado anteriormente Agostinho, Calvino localizou a origem do mal no mundo como proveniente de Lúcifer que, pecando, tornou-se Satanás, segundo o próprio Calvino ensina:

“Como, porém, o Diabo foi criado por Deus, lembremo-nos de que esta malignificência que atribuímos à sua natureza não procede da criação, mas da depravação. Tudo quanto, pois, tem ele de condenável, sobre si evocou por sua defecção e queda. Pois visto que a Escritura nos adverte, para que não venhamos, crendo que ele recebeu de Deus exatamente o que é agora, a atribuir ao próprio Deus o que lhe é absolutamente estranho. Por esta razão, Cristo declara [Jo. 8.44] que Satanás, quando profere a mentira, fala do que é próprio à sua natureza, e apresenta a causa: ‘porque não permaneceu na verdade’. De fato, quando estatui que Satanás não persistiu na verdade, implica em que outrora ele estivera nela; e quando o faz pai da mentira, lhe

IGREJA ALIANÇA DO CALVÁRIO

A ORIGEM DO MAL

exime isto: que não se impute a Deus a falta da qual ele mesmo foi a causa.”

Explicação:

1. não procede da criação, mas da depravação – Deus criou a Lúcifer, que em grego significa “portador da luz”, contudo este se degenerou, ao querer ser semelhante a Deus, pecando, e se tornando Satanás, que em hebraico significa “adversário”.

2. De fato, quando estatui que Satanás não persistiu na verdade, implica em que outrora ele estivera nela – ou seja, em princípio ele fora um ser bom e perfeito, que por decisão própria se afastou de Deus.

Assim, o mal possui uma origem, não em Deus, mas em uma de suas criaturas perfeitas, que tentou tornar-se maior que seu criador, o que Deus não admite (Is. 42.8).

1.4.3.2 A ORIGEM DO MAL NO HOMEM E SUA EXTENSÃO A TODA CRIAÇÃO

Satanás havia pecado e, conseqüentemente, foi expulso da presença de Deus e de suas santas atribuições (Is. 14). Um novo mundo havia sido recriado, e nele um novo ser fora feito: o homem, sendo que o primeiro foi chamado por Deus de Adão.

Adão fora criado em perfeição material e espiritual, possuindo em estado completo o livre-arbítrio, e ainda mais: possuindo a inclinação natural para o bem. Deus lhe colocou no Éden e, para tornar válido seu livre-arbítrio, lhe impôs que da “árvore do conhecimento do bem e do mal” não comesse, pois quando o fizesse, “certamente morreria” (Gn. 2.9, 16-17).

Nesse ponto Calvino diz:

“Deve-se, portanto, mirar mais alto, visto que a proibição da árvore do conhecimento do bem e do mal foi um teste de obediência; de modo que, ao obedecer, Adão podia provar que se sujeitava à autoridade de Deus, de livre e deliberada vontade. Com efeito, o próprio nome da árvore evidencia que o propósito do preceito não era outro senão que, contente com sua sorte, o homem não se alçasse mais alto, movido de ímpia cobiça.”

“Portanto, Adão podia manter-se [o livre-arbítrio], se o quisesse, visto que não caiu senão de sua própria vontade. Entretanto, já que sua perseverança era flexível, por isso veio tão facilmente a cair. Contudo, a escolha do bem e do mal lhe era livre. Não só isso, mas ainda suma retidão havia em sua mente e em sua vontade, e todas as partes orgânicas estavam adequadamente ajustadas à sua obediência, até que, perdendo-se a si próprio, corrompeu todo o bem que nele havia.”

Já conhecemos a história, Eva e Adão comeram do fruto proibido e atraíram sobre si a mesma maldição do pecado que estava sobre o tentador, Satanás.

Mais uma vez Calvino explica que:

IGREJA ALIANÇA DO CALVÁRIO

A ORIGEM DO MAL

“Entretanto, ao mesmo tempo é preciso notar que o primeiro homem se alijou [afastou] da soberania de Deus, porque não só se fez presa aos engodos de Satanás, mas ainda, desprezando a verdade, se desviou para a mentira. E de fato, desprezada a palavra de Deus, quebrantada lhe é toda reverência, pois não se preserva de outra maneira sua majestade entre nós, nem seu culto é mantido íntegro, a não ser enquanto atenciosamente ouvirmos sua voz. Conseqüentemente, a raiz da queda foi a falta de fidelidade.”

Logo, a culpa do pecado, e a conseqüente existência do mal está totalmente atrelada aos atos do homem, que no desejo de ser como Deus (Gn. 3:4-6), Dele se afastou, e por esse afastamento trouxe sobre toda a Terra o efeito devastador do mal, através do pecado (Gn. 3.17).

1.5 HARMONIZANDO AS TEORIAS E APONTANDO PARA UMA TEODICÉIA BÍBLICA

Agora, posto que já pudemos ver, basicamente, as três mais imponentes teodicéias cristãs, é necessário concluirmos e respondermos: afinal de onde o mal veio, e qual o seu propósito no mundo?

Com absoluta certeza, se olharmos para a vida prática, o mal contribui para o aperfeiçoamento do caráter dos cristãos que o suportam e vencem, pois assim a Bíblia ensina em diversas passagens (Sl. 116.15, Tg. 5.10-11, 1Pe. 4.19).

Também, pensando como Agostinho e Calvino, de maneira alguma podemos atribuir a Deus a criação do mal, mas este é decorrência exclusiva da atitude do homem de escolher – quando assim podia fazer livremente – pelo caminho do pecado e não da fidelidade à Deus, mesmo que tenha sido tentado pelo Diabo, visto que possuía completa capacidade de resisti-lo – não o fazendo por livre escolha.

Assim, podemos concluir, sem sombra de dúvidas, que a origem do mal é o afastamento e desobediência à vontade de Deus. Pode parecer muito simplista essa afirmação, mas Aquele que possui Nele mesmo todas as coisas e no qual habita toda a plenitude, assim determinou em sua soberana vontade (Is. 43.13).

Logo, a busca da independência de Deus, primeiramente de Lúcifer, e depois do homem, levou o mundo, que era perfeito, ao atual estado de perversidade e sofrimento (Ec. 7.9).

Entretanto, podemos ter certeza que todas as coisas, sejam boas, sejam más, estão contribuindo para o propósito de Deus (Rm. 8.28-30), expresso em Cristo Jesus (Rm. 5.18-21), que não podemos distinguir claramente agora (Dt. 29.29), mas em breve, quando Ele vier, nós compreenderemos perfeitamente (1Co. 13.12).

Assim, se da existência do mal, deriva mais glória a Deus – pois o mal acentua ainda mais a completa bondade, perfeição, justiça e santidade de Deus – cumpre aos cristãos, com todo temor (Hb. 12.25), se alegrarem por terem sido alcançados e feitos participantes da vocação celestial (Hb. 3:1).